

**A CARTA DE “JESUSCRISTO AO ERRANTE DO NOVO SÉCULO”
NO MOVIMENTO DO CONTESTADO EM JUSTAPOSIÇÃO À “FALSA CARTA” MENCIONADA EM 2ª
TESSALONICENSES 2:1 E 2**

Artur Araujo Santos*

Aproximar duas realidades cristãs em uma narrativa que contemple nuances por vezes esquecidas é o desafio deste ensaio. Realidades separadas tempo-espacialmente, todavia justapostas através da problematização, assim nos permitindo a análise de suas confluências e discontinuidades.

A Comunidade cristã dos tessalonicenses¹ expressa um comportamento escatológico que pode ser lido nas entrelinhas das duas cartas a eles remetidas e que hoje fazem parte do cânon bíblico. O auto-intitulado Apóstolo Paulo teria sido o autor da primeira carta, porém, quanto à segunda carta, não se reconhece a autoria paulina, apesar de o conteúdo não transgredir tanto seu tom e sua maneira de escrever. Crossan e Reed (2007, p. 106) argumentam que, diante de outras cartas pseudo-paulinas e mesmo anti-paulinas, esta 2ª Carta aos Tessalonicenses é fracamente localizada fora de uma produção reconhecidamente paulina.

Mesmo não a considerando de Paulo, o problema enfrentado por aqueles que tomaram seu nome e buscaram dissuadir e ordenar os comportamentos pode ganhar cores mais vivas e contornos mais bem definidos quando o aproximamos com o comportamento também desviante da Comunidade do Contestado.

Contestados partilhavam de um anseio semelhante, que adiantava as benesses do fim dos tempos e que conflitava diretamente com o poder instituído.

A sessão a ser trabalhada aqui diz respeito ao cruzamento de fontes referentes às duas realidades mencionadas. Cristãos que aguardavam para logo a volta de São Sebastião liderando um Exército Encantado; e também cristãos que aguardavam para logo a volta do Cristo Jesus com todos os seus santos (1Ts 3: 13).

2ª Tessalonicenses 2: 1 e 2 faz alusão a uma carta que não possuímos, todavia temos a possibilidade de reagirmos sua condição, no contexto de crítica ao comportamento fervoroso dos últimos tempos, com a escatologia da *Carta de Jezuscristo ao Errante do Novo Século* aos Contestados, que possui um forte caráter de orientação e observância. Importa dizer que a ideia aqui não é forjar enxertos, mas criar novos ângulos de observação e formular perguntas.

* Mestrando em História Cultural pela Universidade de Brasília – UnB. Email: artur.s@bol.com.br.

O senso comum pode nos informar algumas questões, porém corremos o risco de, neste diálogo, tomarmos como ponto balizador um saber vulgar quanto ao movimento de Jesus, nos esquecendo de todo um aparato cultural já existente, que fomentou e continua a fomentar comportamentos messiânicos e de teor apocalípticos. “O ensinamento atribuído a Jesus nos Evangelhos sinóticos frequentemente tem matizes apocalípticos” (COLLINS, 2010, p. 369).

Assumo o risco, buscando compreender o movimento de Jesus não como fim explicativo, mas como novo ponto de partida, atentando assim para o ambiente apocalíptico em que estavam imersos e que veio ao longo do tempo sendo amortecido quando de sua institucionalização no seio cristão. Portanto, os pontos de aproximação podem estar disseminados no que conhecemos por uma cultura cristã ordinária e também localizados no recorte Tessalonicense-Contestado.

Diante de uma leitura apaziguada dos cristianismos, na qual ficamos na grande maioria das vezes somente com as prédicas impessoais, problematizo lendo-os em contraste, passando a ouvi-los sob a inspiração encarnada de cristãos sujeitos, agentes de suas vidas. Deste modo, Contestados voltam a dotar de carne e ossos os tessalonicenses das Cartas que, em minha opinião, muito cedo perderam rostos em função de um caráter católico, universal. E tessalonicenses nos alertam para uma antiga raiz, um veio caudal que atravessa o cristianismo Contestado e que remonta a antigas estruturas de sublevação. A observação em contraste é possível.

Comparamos entre historiadores e antropólogos para construir comparáveis, analisar microssistemas de pensamento, esses encadeamentos que decorrem de uma escolha inicial, uma escolha que temos a liberdade de apresentar ao olhar de outros, escolhas exercidas por sociedades que, no mais das vezes, não se conhecem entre si. (DETIENNE, 2004, p. 65)

O *comparável* erigido para o presente estudo, para me utilizar de conceito caro a Marcel Detienne, é a *expectativa iminente* a qual as duas Comunidades carregavam com muito fervor. E, quando reflito sobre tais posturas, elenco um eixo gravitacional para o estudo das experiências, que podem ser aproximadas quando vistas sob a tônica do Fim anunciado. Porém, não quero falar de uma disseminação do texto de Tessalonicenses no evento Contestado, mas de uma ambientação cultural possível a partir do referido eixo.

Talvez nós já não consigamos alcançar o que seria crer indubitavelmente no advento. Porém, para essas populações cristãs, esta certeza apontava caminhos de ação que

antecipavam o próprio Reino esperado. O tempo entrava em suspensão; a realidade esperada já se fazia presente em parte.

É necessária aqui uma rápida digressão a situar o leitor nos assuntos discutidos.

No início do século XX, entre os anos de 1912 e 1916, ocorreu em terra brasileira o fenômeno messiânico conhecido por Contestado, derivando seu nome da condição do território em litígio entre os Estados de Santa Catarina e Paraná.

O reordenamento de poderes locais, em função de novos valores chegados com a República, obriga antigas instituições como o Coronelismo a orbitar em torno de poderes novos e legítimos que se faziam sentir no controle dos Estados. Quanto mais havia uma aproximação entre essas esferas de poder mais era legitimado o reconhecimento da nova autoridade que se implantara. Assim, a República foi entendida como algo ruim, pois a vida antiga sob a monarquia logo foi entendida como boa, já que inexistiam graves alterações na sociedade.

As instituições religiosas pouco tinham acesso à região. O ermo sertão e seus habitantes desenvolvem, através dos signos cristãos disponíveis, o catolicismo rústico; e a maneira como praticavam a religião era pautada numa intensa autonomia (MONTEIRO, 1974, p. 57-80).

Muitos foram os tipos que povoaram os sertões do Contestado, praticando esse catolicismo rústico e profetizando. Os conhecidos monges vagavam por estes sertões e usufruíam de respeito e consideração entre o povo. Três deles estão fortemente ligados ao movimento do Contestado, seus nomes são: João Maria, um segundo João Maria e José Maria. “Eram chamados ‘monges’, embora não pertencessem a nenhuma congregação religiosa; leigos, tinham resolvido dedicar sua vida a religião.” (QUEIROZ, 1965, p. 246) O termo monge assume significado diferente do habitual, estando mais próximo da figura de beatos itinerantes e penitentes do sertão nordestino.

As percepções que se construíram dos dois primeiros se confundem e a morte ou desaparecimento deles demonstra o lado mítico de suas lembranças, surgindo daí várias explicações para uma retirada do plano terreno.

O monge José Maria, participante direto da guerra, era conhecido curandeiro da região. Sabe-se que fazia leituras da História de Carlos Magno² e sua popularidade entre os sertanejos cresceu em tempos de crise.

Com o crescente ajuntamento de sertanejos rebeldes ao monge José Maria, os embates com as novas forças que se faziam presentes na região foram inevitáveis. A

monarquia, entendida como boa, passa a ser defendida pelos rebeldes sertanejos, atraindo assim a repressão da principiante República brasileira que se firmava.

Depois da morte do monge José Maria em combate no Irani, o movimento ganha nova proporção com a ideia de que o monge sabia do seu destino e anunciara um futuro retorno (MONTEIRO, 1974, p. 153-157). A crença de que viviam o fim dos tempos leva-os a uma resistência que somente pode ser entendida com o estudo do fenômeno religioso ocorrido.

Essa crença nos Monges Santos, em São Sebastião³ e em um Exército Encantado, que em breve irromperiam os céus trazendo então a justiça do Reino, elabora-se numa organização místico-religiosa que vivia a Prefiguração deste Reino em um território agora considerado sagrado, uma terra santa de onde seus mortos ressuscitariam.

Jagunços, pequenos agricultores e alguns fazendeiros continuaram a seguir as ordens do Monge que se faziam ouvir através de virgens e crianças visionárias (QUEIROZ, 1965, p. 255). Assim, um novo fervor brotou entre os sertanejos, que passaram a organizar vários redutos movidos pela fé no retorno de José Maria.

O movimento, apesar da forte resistência, foi esmagado depois de alguns anos. Poderia a esperança escatológica da Comunidade do Contestado, na busca por contemplar o Reino, nos dizer algo sobre a Comunidade de Tessalônica?

Metrópole portuária de fluxo comercial intenso, a Tessalônica dos anos 50 do primeiro século era um grande centro com afluência de muitas culturas. Pela sua localização bem protegida, em um golfo, tornou-se rota segura para os negociantes do mediterrâneo. Ali, rotas comerciais do interior dos Bálcãs se encontravam com a Via Egnatia, a maior rota de comércio entre o Oriente e o Ocidente. Antes de se tornar capital da província romana da Macedônia, em 42 a.E.C, a cidade de Tessalônica já havia passado por experiências de dominação anteriores, exercendo papel político preponderante.

Lá coexistiam muitas colônias de estrangeiros, inclusive colônias de judeus que interpretaram a nova seita que surgia, o cristianismo, como uma distorção do judaísmo. Paulo, como propagador da nova seita, sofreu perseguições por parte dos judeus, quando em campanha missionária por lá. Com o trabalho interrompido e sua vida ameaçada, ele teve que fugir da fúria desses judeus (1Ts 2: 14-16).

Acusado de agir contra os decretos imperiais, Paulo foi acuada por seus perseguidores, mesmo em sua fuga para a cidade de Beréia. O livro bíblico Atos dos Apóstolos narra alguns dos eventos ocorridos naquela época.

É nesse contexto que encontramos a Comunidade Cristã de Tessalônica. Abandonados à própria sorte? Talvez este não seja o questionamento principal. Apesar de ela ainda ter permanecido sob os cuidados atentos de Paulo e seus ajudantes, os ensinamentos que deles provieram conotam que a Comunidade estava trilhando caminho não agradável aos doutrinadores, porém à sua maneira.

Assim, uma leitura das cartas em contracorrente encontra tensão em meio às exortações. As Cartas enviadas aos Tessalonicenses correspondem às preocupações para aquela Comunidade, representando também o marco de surgimento de uma literatura cristã autêntica. A datação de 1ª Tessalonicenses, aproximadamente ano 50 do primeiro século, permite-nos dizer que esta tradição seria mais independente quanto a inspirações em comunidades terceiras. Sendo assim, ensinamentos cristãos primeiros estavam em conformação, sendo bastante “(...) significativo como nossa primeira janela para a Igreja primitiva mostra um alto nível de expectativa escatológica.” (COLLINS, 2010, p. 378)

Quanto à autenticidade da 2ª Carta, não existe ainda consenso em aceitá-la como de Paulo, devido não corresponder ao estilo literário de outras cartas sabidamente paulinas (figuras de linguagens recorrentes, mas ausentes nesta).⁴ Quanto à datação, parte dos estudiosos que se dedicam à questão colocam-na em subsequência à primeira, outra parte localizam-na como pertencente a um cristianismo um pouco mais distante, típico dos anos 90 do primeiro século.

Isso não minimiza a importância historiográfica do documento, já que a urgência postal, neste caso, pode constituir-se em fator merecedor de atenção. A mão que tece a 2ª Tessalonicenses não destoa de uma linha de exortações paulinas, contudo é alinhavada a partir de tradições apocalípticas mais severas.

Tanto os evangelhos sinóticos quanto Paulo (...) são matizados em grau significativo por uma visão de mundo apocalíptica. Se o próprio Jesus partilhava dessa visão de mundo é uma das questões mais acirradamente debatidas nas pesquisas do Novo Testamento. (COLLINS, 2010, p. 365-366)

Não temos, quanto à Comunidade de Tessalônica, detalhes mais amplos de sua atuação, membros e organização. Nossos documentos são pouco ricos em detalhes, todavia muito reveladores quando nos perguntamos a razão de seu autor ou autores os exortarem em sentido tão específico.

Os assuntos em questão, as exortações, brotam do que se sabia ou se soube da Comunidade de Tessalônica; argumentos não surgem sem motivações. Logo, se é indicado



um caminho argumentativo de como proceder com a Comunidade, temos um forte indício que este caminho foi proposto pela própria Comunidade através de comportamento desviante ao desejado.

Já não é um dado desconhecido que grupos apocalípticos geralmente estão no limiar do anseio por nova vida, do desejo por revolucionar a situação em que se encontram. Como assinala Lanternari (1974, p. 325):

Na raiz do cristianismo e – antes ainda – do profetismo mosaico e do messianismo bíblico da época do exílio figuram condições de crise. Quanto ao Cristianismo, a tensão aguda entre estatismo e individualismo, a evidente fratura entre sacerdotalismo e necessidades religiosas populares constituíam, no interior da sociedade, os extremos de um conflito do qual o messianismo de Jesus devia trazer o germe primeiro e bastante necessário, a fim de se impor como religião de salvação dos povos.

A 1ª Carta aos Tessalonicenses delineia um problema que chega ao ápice no período em que a 2ª Carta é escrita. Problema que pode ter feito com que esta 2ª Carta assumisse um caráter emergencial.

Em 2ª Tessalonicenses 2: 1 e 2, temos:

A respeito da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e de nossa reunião junto a ele, nós vos pedimos, irmãos: não vos perturbeis tão depressa, nem vos alarmeis por causa de uma revelação profética, de uma afirmação ou carta apresentadas como se procedessem de nós, e que vos fariam crer que o dia do Senhor chegou.

Essa preocupação, expressa na passagem aludida quanto a uma *falsa carta*, demonstra que existiu uma gênese literária gozando de certa autonomia, independente da palavra que intuía nortear o desenvolvimento daquela Comunidade. Em nota referente a esta passagem, a Bíblia Tradução Ecumênica (TEB) comenta possibilidades de tradução em que *revelação*, *declaração* e *carta* cabem no motivo de falsificação, porém muitos estudiosos o relacionam somente a *carta*.

Da Comunidade do Contestado, sobreviveram alguns escritos concernentes ao comportamento dos últimos tempos. Apesar de não possuímos a *falsa carta* referida em 2Ts 2: 1 e 2, temos uma de *Jezuscristo ao Errante do Novo Século* aos Contestados, que pode ser considerada uma tradição de contramão, diferente daquela proferida pelos responsáveis em status quanto à uma *correta* doutrina. O documento aqui citado, reproduzido por d'Assumpção (1917, p. 243-244) e também por Duglas Monteiro, foi “recolhido pelo Coronel Dr. Francisco Raul d'Estillac Leal, Comandante da Coluna que operou no Sul do Contestado,

quando ele ainda se achava na Vila de Curitibaanos.” (MONTEIRO, 1974, p. 253). Segue reprodução do documento, sem intervenções:

CARTA DE JEZUSCRISTO...

Carta de Jezuscristo para dar conzelho aos erante do novo seculo o qual apareceu no mundo para livrar pecadores das penas do ynferno que estam merecendo pellos grande erro que estam cometendo. Jamais ninguem adoram santo. Jamais ninguem tem piedade dos necessitados até pella ambição perderão amizade de seus próprios pais, emfim a uma tão orrenda contrariedade entre o povo. Já não procuram ensinam vossos filhos arezarem adotrinar cristam, ensinarem alêr para instruirem vossas familia abrirem os olhos da seguera em que se criam que ao menos saibam cumprimentar alguém; vivem cometendo grande erro pella brutalidade em que se criam os seos pais de familia que só pella grande ambição do trabalho brutal não fazem o menor sacrificissio para educaçam de suas familias não sabem o grande erro que cometem talvez robando a filicidade. Seos filhos nem ao menos as creanças sabem fazer o sinal da crus. Quem não acreditar neste conzelho terá no anno seguinte de sofrer medonhos castigo; no dia 20 de Junho desaparecerá o sol e aparecerá no dia 23 do mesmo meis, no dia 3 de agosto aparecerá um cometa muito visivel e com uma cauda muito cumprida que terá 40 metro de comprimento, no dia 24 de 7bro aparecerá uma peste tanto nos cristam como na criação que não terá remedio; emfim tantos castigos mais adiante os cafanhotos que fazerão pior do que já fizerão; portanto filhos cada um morador deve ter uma copia desse conzelho para livrar de serem castigados com os rigores do Ceo e da divindade; quem não acreditar e não tiver esta se arrependerá no anno vindor pagará 100 rs. para transladarem; quem ganhar este dinheiro entregará ao Vigario a favor do Santo monge para missa entençaõ; quem acreditar e tiver em sua casa será livre com vossa familia com vossos fructos com vossos Bens.

Assim como rezas que eram copiadas e recopiadas entre os rebeldes sertanejos e levadas em patuás cozidos ou nos bolsos, a *Carta de Jezuscristo...* pode ter circulado pela região de forma parecida, possivelmente conquistando o espaço doméstico de convivência, como alude uma versão parecida que ainda hoje circula pela região.

A *Oração de São João Maria de Agostinho para aconselhar os ignorantes* – este João Maria como amálgama dos monges que percorreram a região –, ainda pode ser vista nas residências, como nos informa Tânia Welter (2007, p. 170-171), em estudo que discute os discursos contemporâneos a respeito do monge João Maria em Santa Catarina:

(...) estas cartas são também utilizadas como forma de proteção pessoal ou do ambiente, para tanto, fazem cópias pessoais e carregam junto ao corpo como amuleto ou fixam em alguma parede da casa. Acreditam que, desta maneira, tanto a casa como a pessoa estão protegidas de qualquer mal.

É interessante o fato de que muito do tom da *Carta de Jezuscristo ao Errante do Novo Século* permaneceu na *Oração de São João Maria de Agostinho para aconselhar os ignorantes*.

Ao errante do sertão foram feitas premissas de comportamento. O trabalho, a família, os necessitados eram a pauta em questão; e os valores religiosos, antes aviltados, teriam grande participação neste projeto de enaltecimento, por meio de castigos e punições. O aconselhamento era diretivo e concorria na conquista dos populares.

Que o documento expressava uma forte expectativa e uma forma característica de aguardar o Fim me parece razoável. Todavia esse aguardar implicava em atitude, já que a vida, como precisa a mensagem, tinha que mudar para que a manifestação se concretizasse por completo. Este aconselhamento delimitava a chegada de um tempo radicalmente novo.

Imagens apocalípticas clássicas são recorrentes no documento, que tem a pretensão de instrução e norma, mas que está fora do circuito oficial, que no caso Contestado, era a Igreja Católica do século XX.

As imagens de eventos cósmicos e pestes mencionadas na “*Carta de Jezuscristo...*” estão muito bem consolidadas no imaginário popular cristão. Talvez seja importante mencionar que dois anos antes do início da Guerra do Contestado, mais precisamente em 1910, um cometa de grande cauda foi avistado de várias partes do hemisfério sul.

O Cometa Halley ficou visível durante vários dias entre os meses de março e maio de 1910. Durante certo período, a intensidade de sua luz era vista mesmo durante o dia, como uma estrela, sendo documentado por relatos no Brasil, na Argentina e em muitos outros locais do globo. “No hemisfério sul, o cometa era um glorioso espetáculo matutino, pois estava quase em conjunção com Vênus, e este par de objetos brilhantes oferecia uma rara visão aos observadores abaixo do equador.” (COMETAS..., 1985, p. 180)

A passagem do Halley gerou apreensão, pois em 1908 foi descoberta a presença do gás venenoso cianogênio na cauda do cometa Morehouse. A comunidade científica não manifestou grande preocupação, já que o gás se dissiparia queimando no contato com a atmosfera. Mesmo assim, houve pânico em muitas partes do globo, pessoas se reuniram em igrejas, algumas se trancaram em casa, outras suicidaram (COMETAS..., 1985, p. 186-187).

Mas, alguns astrônomos chegaram sim a argumentar, como o francês Camille Flammarion, “(...) que a mistura do gás cianogênio do cometa [Halley] com o hidrogênio de nossa atmosfera produziria ácido prússico, um veneno mortal. Imediatamente, máscaras de gás e ‘pílulas cometárias’ foram postas à venda (...)” (GLEISER, 2001, p. 79)

Esta menção a um cometa de grande cauda pode constituir-se numa típica profecia *ex eventu*⁵, manifestação comum a expressões culturais provenientes do judaísmo. Mas talvez não se tenha tanta relevância assim, afinal, o cometa de grande cauda, ou estrela, está presente

nas narrativas sobre a natividade em Mateus e nos escritos sobre as “últimas coisas” em Apocalipse, com referências bem recorrentes neste último.

Não poderia deixar de comentar que o desaparecimento do sol (Isaías 13: 10; 24: 23; 60: 19, Joel 2: 10; 2: 31; 3: 15, Amós 8: 9, Mateus 24: 29, Marcos 13: 24, Lucas 21: 25; 23: 24, Atos 2: 20, Apocalipse 6: 12; 8: 12; 9: 2; 21: 23; 22: 5) foi, durante o final do século XIX e início do século XX, espetáculo ironicamente comum.

No período compreendido entre meados do século XIX e 1920, a chamada faixa de totalidade de um eclipse do Sol atravessou o território brasileiro em cinco ocasiões: 7 de setembro de 1858 [Paranaguá, Paraná], 25 de abril de 1865 [Camboriú, litoral sul de Santa Catarina], 16 de abril de 1893 [Paracuru, litoral do Ceará], 10 de outubro de 1912 [na divisa entre Minas Gerais e S. Paulo] e 29 de maio de 1919 [Ceará novamente]. Apenas nos três últimos casos o Brasil recebeu a visita de expedições estrangeiras com a finalidade de observar o fenômeno. Em contrapartida, em todas essas ocasiões foram enviadas expedições formadas por cientistas brasileiros aos locais de observação. A instituição responsável pela organização da grande maioria delas foi a mesma: o Observatório do Rio de Janeiro, hoje denominado Observatório Nacional. (BARBOZA, 2007)

Em algumas situações, o céu nublado e chuvoso não contribuiu para as observações. Esses pontos de observação, sempre anunciados com muito alarde pela imprensa, são exatos para eclipses totais, porém eclipses parciais puderam ser vistos de áreas periféricas às escolhidas pelos cientistas. Mas a perturbação do firmamento não passou despercebida.

Sem intermediários e convenções religiosas, a autonomia os leva a outro patamar, porém cerceados por uma condição. O comportamento em santidade irrepreensível (1Ts 2: 12; 3: 13; 5: 23), para quem espera para muito breve a parusia – do grego *Parousía*, a volta gloriosa de Jesus Cristo –, pode ser um convite às últimas consequências.

Peter Brown fala do desenvolvimento de um “voltar-se para si” das primeiras comunidades cristãs, uma análise do “eu” interior para que estivessem puros quando do olhar perscrutador de Deus. Isto demonstra o quanto o sagrado era vivenciado na coletividade, pois, apesar desse comportamento parecer um individualismo para com Deus, na realidade, era a garantia de que, através deste exercício, todos deveriam estar preocupados com seus íntimos, sob pena de interferir na manifestação divina que estava prestes a ocorrer. “Quando alguém comete uma transgressão em segredo, é como se rechaçasse a Presença divina” (BROWN, 1989, p. 244).

A respeito das primeiras comunidades cristãs, Brown (1989, p. 244-246) acredita que:



Reforçada por uma crença viva no fim dos tempos e no Juízo Final, essa grande esperança afirma que um estado de solidariedade completa e de transparência aos outros é o estado predestinado e natural do homem social, um estado infelizmente perdido ao longo da história, mas que será reconquistado no fim dos tempos.

Toda uma pedagogia em desenvolvimento pode ser percebida nas Cartas aos Tessalonicenses. A espera é ressignificada. O Reino dos Céus, que se manifestaria horizontalmente, aos poucos passa a ser localizado verticalmente como objetivo futuro, nos Céus. É plausível que outros cristanismos estivessem presentes, e brigassem frente a uma embrionária ortodoxia que se firmava na figura de Paulo. Parte do problema encontra-se na combatividade desses cristanismos de vigor apocalíptico que rapidamente atraíam para si a repressão descontente com ideais que iam de encontro ao poder instituído. “A linguagem apocalíptica (...) desenvolve-se como crítica ao poder e teve na antiguidade e em releituras posteriores funções de protesto político.” (NOGUEIRA, 2008, p. 31.)

Nesse sentido, é possível pensar que os movimentos surgidos nesse contexto podiam ter características apocalípticas com um horizonte cristão e/ou características cristãs com horizontes apocalípticos. Os vários estudos sobre a influência das experiências visionárias, típicas da apocalíptica, nos relatos de tentação, transfiguração e ressurreição de Jesus podem nos dar uma pista do emaranhado em questão. (SCHIAVO, 2005, p. 126-135; NOGUEIRA, 2003, p. 75-91)

É possível que a leitura das cartas pergaminho à comunidade cristã dos Tessalonicenses tenha conquistado novo tom na oralidade? Cabe lembrar que transmissões e recepções, muitas vezes audição de uma palavra leitora, pode ser um retorno à oralidade pela mediação de uma leitura em voz alta (CHARTIER, 1990, p. 124 e 135).

Seria a falsa carta mencionada em 2Ts 2: 1 e 2 referência a um dos tantos cristanismos de cunho apocalíptico existentes no primeiro século? A “falsa carta” teria vindo de dentro ou de fora da comunidade dos tessalonicenses? O nome de Paulo é usado pseudepigráficoamente por um motivo emergencial? A Segunda Carta viria logo após a Primeira, em sequência; ou estaria mais para os anos 90, relacionando-se com a cristologia nascente do final do século I? Os vínculos entre as duas cartas nos permitiriam uma datação coerente ou devem ser observadas isoladamente, buscando problemas próprios de cada uma? A Segunda Carta é de fato para a mesma comunidade para a qual a Primeira foi remetida? Em que ponto a *apocalíptica paulina* e o *milénarismo Contestado* se tocam, dentro de uma tradição judeu-cristã? “A carreira de Jesus de Nazaré pode ser vista como a de um profeta

carismático que inspirou um movimento milenarista. Mas as correspondências estão longe de ser completas.” (COLLINS, 2010, p. 398.)

Uma “fala” que compete com a instituição talvez seja uma boa chave de aproximação entre as experiências discutidas. A justaposição das obras – “independentes” em seus contextos e produzidas em situação de manifestos pontos de aproximação entre as experiências cristãs –, pode vir a suscitar demandas para a investigação, além do alcance que o “olho” estabelece como possível. Caso os problemas alcançados sejam passíveis de dedicação e investimento, isso já seria outra questão a ser verificada em momento diverso.

Friso, a questão não é responder problemas de modo direto, mas criar condições para formular novas perguntas e realçar contornos esmaecidos. Cada situação possui óbvias especificidades, contudo analisados em contraste permite-nos continuar a fazer perguntas à documentação, quando inevitavelmente estagnaríamos na forma isolada.

Como reflete Detienne (2004, p. 16):

Trata-se, muito simplesmente, de ver o que acontece. Fazer reagir para descobrir um aspecto despercebido, um ângulo insólito, uma propriedade escondida. Sem ter medo de desordenar a História ou de zombar da cronologia. O jogo vale a pena: o comparativista experimentador se dá assim a liberdade e o prazer de desmontar e de remontar lógicas parciais de pensamento. Tudo é de proveito para o antropólogo e seu compadre, o historiador.

Referências bibliográficas

- BARBOZA, Christina Helena. *A observação de eclipses totais do Sol no Brasil*. Disponível em: < <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=27&id=307> > Acesso em: 14 nov. 2012.
- BÍBLIA. Português. Bíblia Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- BROWN, Peter. Antiguidade Tardia. In: ARIÈS, Philippe e DUBY, George. *História da Vida Privada*. Vol. I: Do Império Romano ao Ano Mil (Org. VEYNE, P.). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COLLINS, John J. *A Imaginação Apocalíptica: Uma introdução a literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- COMETAS: Os Vagabundos do Espaço. São Paulo: Editora Três, 1985.
- CROSSAN, John Dominic e REED, Jonathan L. *Em Busca de Paulo: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. *A Campanha do Contestado: as operações da columna do sul*. v. 1. Bello Horizonte: Imprensa Oficial, 1917.

DETIENNE, Marcel. *Comparar o Incomparável*. São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

GLEISER, Marcelo. *O Fim da Terra e do Céu: O Apocalipse na ciência e na religião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LANTERNARI, Vittorio. *As Religiões dos Oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

_____. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado *In*: FAUSTO, Boris (org). *História geral da civilização brasileira: o Brasil Republicano - sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

NOGUEIRA, Paulo. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *O que é Apocalipse?* São Paulo: Brasiliense, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

SCHIAVO, Luigi. O acesso ao mundo superior – O elemento extático e visionário na literatura apocalíptica e no movimento de Jesus. *In: Religião de Visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005.

WELTER, Tânia. *O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo – Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina*. Tese de Doutorado – PPGAS/UFSC. Florianópolis, 2007.

Websites

Em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Postdiction>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

Notas

¹ As citações de livros bíblicos serão feitas a partir da Bíblia Tradução Ecumênica (TEB).

² Inspirados na Gesta Carolíngia surge, no movimento do Contestado, uma elite guerreira jagunça, os Pares de São Sebastião, um corpo combatente à parte, hábeis no manejo do facão que era a arma preferencial do entrevero. Alguns estudiosos acreditam que os Pares de França Contestados perfaziam 24 componentes por entenderem *Pares* como dupla, porém existem indícios que sugerem um maior número de participantes.

³ O conceito mais geral sobre Sebastianismo diz respeito a uma tradição portuguesa do século XVI. Após o “desaparecimento” do Rei D. Sebastião durante a batalha de Alcácer-Quibir, difunde-se a expectativa de que ele um dia voltaria para libertar seu povo do jugo espanhol.



⁴ Acredita-se que a passagem de 2Ts 3:17 “A saudação é de meu próprio punho, minha, de Paulo. Assim é que assino todas as cartas: esta letra é minha.”, seria uma marca legítima de Paulo, preocupação com uma falsa carta que teria surgido (2Ts 2: 1 e 2). Tal argumento é infrutífero, pois podemos supor simplesmente uma busca de autoridade na figura de Paulo que era representativa de uma embrionária ortodoxia. O recurso à pseudepigrafia era comum aos textos correntes, não podendo se aplicar à questão critérios de falsidade ideológica modernos.

⁵ A pós-dicção ou clarividência retroativa é muito comum em contextos religiosos. É frequentemente referida pelo termo latino *vaticinium ex eventu*, ou predizendo depois do evento. Por este termo, críticos reivindicam que muitas profecias bíblicas (e profecias semelhantes em outras religiões) podem ter sido proferidas depois dos eventos supostamente preditos, ou que seu texto ou interpretação eram modificados depois do evento para ajustar os fatos à medida que eles aconteciam. Várias pesquisas já apontam que muitos textos proféticos pautam as experiências narradas em circunstâncias precisas de seus contextos históricos como, por exemplo, os estudos que relacionam o livro bíblico do Apocalipse ao contexto de opressão romana enfrentados. (Em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Postdiction>>. Acesso em: 14 nov. 2012).